



A Matemática na Formação da Professora Primária na Escola Complementar de Passo Fundo – RS¹

Mathematics in the Formation of Primary School Teachers in the Complementary School of Passo Fundo - RS

Luiz Henrique Ferraz Pereira²

Luís Gabriel Favaretto Matté³

Paola do Prado⁴

Resumo

O presente trabalho trata sobre a Escola Complementar de Passo Fundo/RS, tendo como marco temporal o período entre 1929 até a década de 1960. Relata sua trajetória e, através de indicativos do material inventariado, busca tecer algumas percepções sobre a matemática na formação da professora primária que esta Escola buscava formar. Para tanto, o trabalho pautou-se em pesquisa nos arquivos da Instituição, bem como jornais da época para ir ao encontro dessa intencionalidade. Tendo as Atas de Exames dos anos de 1947 a 1949, como referência, vestígios dos conteúdos estudados foram encontrados. Em Matemática, evidenciou-se, um predomínio da aritmética, com foco na perspectiva a ensinar em detrimento do para ensinar. Não obstante, também foi possível perceber como se deslocou o eixo centralizador das aulas, da professora para os alunos, muito devido aos indícios da presença do ideário da Escola Nova, identificados ao longo do período analisado. Associa-se a essas conclusões o estímulo a outras questões possíveis de estudo em trabalhos futuros.

Palavras-chave: Formação; Matemática; Ensino Normal; Escola Complementar.

Abstract

The present work deals with the Complementary School of Passo Fundo/RS, having as time frame the period between 1929 until the 1960s. It reports its trajectory and perceptions about the constitution of the identity of the primary teacher that this School sought to train. Therefore, the work was based on research in the Institution's archives, as well as newspapers of the time, to meet this intention. Taking the Examinations Records from the years 1947 to 1949 as a reference, traces of the studied contents were found. In Mathematics, there was a predominance of arithmetic, with a focus on the perspective to teach rather than to teach. However, it was also

Submetido: 13/12/2021 – Aceito: 03/11/2021 – Publicado: 23/05/2022

¹ Trabalho desenvolvido junto ao grupo de pesquisa História e cultura da matemática da Universidade de Passo Fundo/RS e teve o foco na professora primária, em função da especificidade desta escola de, durante muito tempo, formar para o ensino das primeiras séries do ensino escolar.

² Doutor em Educação pela PUC/RS e professor do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade de Passo Fundo/RS. E-mail: lhp@upf.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7787-2849>

³ Acadêmico do curso de Matemática da Universidade de Passo Fundo. Bolsista de Iniciação Científica. Professor de Matemática na rede estadual do Rio Grande do Sul. E-mail: 174381@upf.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4278-6908>

⁴ Acadêmica do curso de Matemática da Universidade de Passo Fundo. Bolsista de Iniciação Científica. Professora de Matemática na rede estadual do Rio Grande do Sul. E-mail: 175886@upf.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6294-6964>

possible to see how the centralizing axis of classes was shifted, from the teacher to the students, largely due to the evidence of the presence of the Escola Nova's ideas, identified throughout the analyzed period. These conclusions are associated with the encouragement of other possible questions to be studied in future works.

Keywords: Training; Mathematics; Normal Education; Complementary School.

Introdução

Queremos fazer um exercício de escrita tendo a primeira escola de formação de professores primários – Escola Complementar de Passo Fundo/RS – como foco do estudo. O espaço temporal vai desde sua criação, em 1929, até a década de 1960. A escolha do tema se deu, no primeiro momento, por ser Passo Fundo, localizada no norte gaúcho, considerada até os dias atuais referência na região em diferentes áreas, entre elas a educacional. Também, para contribuir na escrita da história e preservação da memória desta instituição de ensino e, soma-se a isso, o material inventariado permitiu intuir considerações sobre sua constituição como espaço de formação de professores primários, sendo a disciplina de Matemática um dos referenciais.

Associando-se a essas ideias, Lourenço Filho (2001) destaca que a necessidade de ensinar remonta já aos mais longínquos tempos da humanidade, mas a preocupação com o ensinar às crianças de forma mais sistemática e direcionada, somente ocorre “nos três últimos séculos” (p. 31). Uma dessas iniciativas se dá com La Salle, em 1685, que tinha uma proposta de ensino de maior estruturação, denominado de ensino normal, pois

o bom abade verificou, porém, esta coisa tão simples e tão fecunda: que o ensino devia ser coletivo, dado a grupos de crianças, e que, para maior interesse, devia ser explicado em tom de conversa natural. Era esse o ensino coletivo, que La Salle chamou de ensino normal. Vinha, em germe, em sua concepção, a idéia da classificação dos alunos, pelo adiantamento, e a consequência de adaptação de cada passo da lição à capacidade do aprendiz. E já não bastaria, assim, que o mestre soubesse ler a lição, que fosse o lente, mas que tivesse dominado e compreendido o texto que ia explicar, e que devia pôr à altura da mentalidade dos discípulos (Lourenço Filho, 2001, p. 31).

Logo, surge a preocupação em preparar “o mestre” para trabalhar sob esse novo olhar e são criadas as Escolas Normais. Surgem na Europa e, posteriormente na América, com a preocupação da preparação do “mestre-escola”. No Brasil, uma Escola Normal é criada no ano de 1835⁵. No Rio Grande do Sul, a primeira escola preocupada em formar professores primários surge em Porto Alegre, no ano de 1869, mas ainda sem estar nos moldes do que posteriormente seriam as escolas Complementares⁶.

⁵ A primeira Escola Normal do Brasil teve sua fundação na província de Niterói, no estado do Rio de Janeiro, sendo sua instalação no ano de 1835, com a lei de criação de nº 10 de 4 de abril de 1835, por Joaquim José Rodrigues Torres, então presidente da província do Rio de Janeiro.

⁶ Rheinheimer (2018) afirma que tais as escolas Complementares significavam a um espaço direcionado e vocacionado à formação docente, sendo espaço para uma prática condizente a esta formação pretendida.

Somente no ano de 1906, por força de lei, conforme Werle (2005) foram criadas as Escolas Complementares no estado do Rio Grande do Sul, com a intenção de substituir os Colégios Distritais⁷ e com o intuito de “preparar candidatos ao magistério público primário” (p. 602), desde que havendo alunos com habilidades nas matérias do curso elementar. Essa prerrogativa foi um indicativo para uma ampliação de oferta na formação de professores primários, principalmente para o interior do estado.

Embora em termos de legislação, desde 1906, fosse possível a existência das Escolas Complementares, apenas no ano de 1929 são efetivamente instaladas as primeiras, nas cidades de Pelotas, Cachoeira do Sul, Passo Fundo, Alegrete, Santa Maria e Caxias do Sul, sendo que “as Escolas Complementares contribuíram, sobremaneira, para a formação de professores no Rio Grande do Sul até 1946, ano de profundas mudanças relacionadas à formação e à organização escolar no país.” (Bergoza & Luchese, 2010, p. 123).

A Escola Complementar de Passo Fundo, criada pelo Decreto n. 4.273, de 15 de março de 1929, teve o início das aulas e instalação oficial, em 03 de abril de 1929, no edifício do Clube Pinheiro Machado, localizado na Avenida Brasil 792, hoje Academia Passofundense de Letras. Sua criação é destaque na cidade, conforme reportagem do jornal do dia 16 de março de 1929, ao afirmar

Inaugurou-se, hontem, às 16 horas, o Collégio Complementar, nesta cidade. Para aquelle acto foram convidadas as autoridades publicas municipaes, estaduais, federaes e a imprensa local. Está assim realizada uma velha aspiração de Passo Fundo, esperando-se que aquelle instituto de ensino desempenhe cabalmente o seu objetivo, momento estando a frente, diretores e professores de renome nos annaes do ensino publico, em nosso Estado (O Nacional, 16/03/1929, p. 1).

Seu primeiro diretor foi o professor Reinaldo Heuer, até o ano de 1932, quando da formatura da primeira turma. Os docentes que compuseram a Escola, nesse período inicial, foram, conforme Kneipp⁸ (1989):

(...) professores compenetrados, esforçados, dando de si, dentro do possível, o impossível, a uma escola recém instalada em condições inadequadas, sem bibliotecas, numa época que não usufruíam dos benefícios do rádio de hoje, numa época em que não existia a televisão e até os meios de transporte eram os meios mais precários – basta ressaltar-se que para chegar à Capital do Estado, Porto Alegre, levavam-se dois dias de viagem de trem (s.p.).

⁷Tambara (2016) explica que os colégios distritais foram criados pelo Decreto n. 89, de 2 de fevereiro de 1897, e seriam escolas onde efetivamente se deu a implantação do ensino seriado na escola primária gaúcha.

⁸Cecília Borges Kneipp foi aluna da primeira turma da Escola e, posteriormente, professora dela. No ano de 1989, quando das comemorações de sessenta anos da sua criação, foi convidada a fazer um discurso sobre a escola. A cópia de tal discurso foi gentilmente cedida pela professora alguns anos atrás, a um dos autores deste texto.

Sua fala provoca-nos a pensar que a Escola se constituiu mais pela determinação e vontade da comunidade em ter uma instituição que formasse professores primários na cidade do que efetivas condições de funcionamento; mesmo assim, conforme Camargo (2005), muitos buscavam a “escolaridade e compreendiam as novas possibilidades sociais, culturais que representou o Curso Normal” (p. 85).

A Escola Complementar troca algumas vezes de local e denominação. Hoje está instalada em prédio próprio e com o nome de Escola Estadual de Ensino Médio Nicolau de Araújo Vergueiro (EENAV), mantendo ainda entre seus cursos a Habilitação para Magistério nas Séries Iniciais. No ano de 2019, comemorou seus noventa anos de existência.

Tais considerações guiaram-nos a refletir sobre a Escola Complementar de Passo Fundo. De tal forma, nas próximas páginas, buscaremos explicitar, por meio das “memórias da Escola” – via fontes documentais inventariadas – um pouco de sua trajetória, e como intuímos a circulação de ideias culturais, sociais e educacionais que pontuaram a formação da identidade da professora primária da referida Escola. Entre esses itens está a disciplina de Matemática. O viés escolhido como referência está apoiado em três documentos:

- a) Livro de Atas das Formaturas da Escola;
- b) Pasta com a relação de disciplinas que compuseram a grade curricular do curso de formação de professores; e
- c) Atas de Exames Finais da Escola.

Além disso, tecemos interações com jornais, documentos e livros do/e sobre o período considerado, bem como de literatura de temas pertinentes, a fim de podermos construir nossa proposta de interlocução.

Algumas percepções e ideias sobre a Escola Complementar de Passo Fundo

A primeira turma de alunos da Escola ingressa no ano de 1929 e, conforme Camargo (2005), foram em número de cinquenta e nove os inscritos. O Curso Normal tinha duração de três anos e, na formatura dessa primeira turma, dezenove são os concluintes. Nos anos seguintes, de forma geral, há ingresso regular para a Escola.

No Livro de Atas das Formaturas da Escola, em que se registram os formandos entre 1932 até 1960, encontramos 11 alunos formados e 395 alunas concluintes.

Tais números evidenciam o que autores como Cimpa (1987), Tambara (1998), Gouvêa (2002) e Faria Filho (2007), entre outros, apontam como a feminização do magistério, em especial o primário. Tal associação dá-se, conforme os autores, pela vinculação da professora primária como uma “segunda mãe” de seus alunos e, como tal, ter na sala de aula uma extensão de sua casa e, conseqüentemente, de suas funções como mulher e dona de casa.

A mulher, por ser considerada mais “dócil”, “amigável”, “terna” e por natureza vinculada à maternidade, em muito estaria mais consentânea a ocupar esse espaço, fora de casa e da igreja. No entanto, sem perder seus atributos de ser guardiã dos bons costumes, de hábitos saudáveis, apta, por uma lógica simplista, responsável pela educação das crianças. Faria Filho (2007) entende também que tal situação é de tal complexidade que a formação proposta às normalistas ganhou notoriedade de “científico” para práticas já dadas como domésticas. Um exemplo seria a presença nos currículos da disciplina de Educação Doméstica.

Na Escola Complementar de Passo Fundo, a primeira turma tem em sua grade curricular as disciplinas de Economia Doméstica (1º ano) e Trabalhos Manuais (1º e 2º anos).

A disciplina de Economia doméstica comporá as disciplinas do curso até o ano de 1943, conforme registro em documentação da Escola. Essa presença corrobora com Louro, ao afirmar que

A economia doméstica [...] também se tornaria parte integrante destes cursos, constituindo-se numa série de ensinamentos referentes à administração do lar. Assim, muitas aprendizagens até então restritas ao lar passariam para o âmbito da escola. Esse processo, “escolarização do doméstico”, não iria se constituir, no entanto, numa mera transposição de conhecimentos do mundo doméstico para a escola; implicaria sim uma reelaboração de tais saberes e habilidades. Na verdade, o que vai ocorrer, será um aumento de complexidade e parcelarização dos conhecimentos, apoiando-se em conceitos científicos, desdobrando-se em etapas sequenciais, dando-lhes, enfim, uma roupagem escolar e didática (2007, p. 458).

Tal perspectiva é evidenciada quando da fala de Kneipp (Camargo, 2005) ao dizer que nessa disciplina era prática “costurar, fazer sutiã, saia de baixo, roupas íntimas, flores naturais, pintura” (p. 86).

Frente a essas colocações, questionamo-nos que ensinamentos ou perspectivas essa disciplina contribuiu junto à professora primária em sua função maior de ensinar crianças? Até o momento, não encontramos uma resposta plausível.

Intuímos que tal disciplina, bem como a disciplina de Trabalhos Manuais, nos leva a entender ser a escola um espaço a desempenhar dupla função frente a suas alunas. Por uma face mostrava-se como formadora a elas e por decorrência, dava espaço a mulher para que, depois de formada, pudesse atuar em uma profissão fora do lar. Por outro lado, promovia, por meio, principalmente das disciplinas anteriormente destacadas, uma estreita ligação com a casa e seus afazeres, uma vez que os conteúdos destas, eram aprendidos em um ambiente científico e acadêmico (escola), para um número menor de aprendizes, dando através destas mesmas disciplinas, a vinculação da escola como sendo uma casa harmoniosa, idealizada, funcionando perfeitamente, afastada do cotidiano real dos lares das alunas. (Louro, 2007)

Entendemos, também, que tais disciplinas esboçavam um papel dúbio na escola. Um seria a percepção de que nesse espaço a aluna seria professora, ou seja, teria sua profissão;

outro seria de manter consciente, mesmo com essa prerrogativa, de que não deveriam esquecer sua “vocação” nata para a vida doméstica de esposa, mãe e responsável pelas lidas do lar.

Nessa decorrência de pensamento, ao observamos as disciplinas que vieram a compor – em diferentes momentos – a formação das professoras primárias da Escola Complementar, entendemos que elas integram a categoria de cultura escolar, ou, como propõe Faria Filho,

a forma como em uma situação histórica concreta e particular são articuladas e representadas, pelos sujeitos escolares, as dimensões espaço-temporais do fenômeno educativo escolar, os conhecimentos, as sensibilidades e os valores a serem transmitidos e a materialidade e os métodos escolares (2007, p. 195).

Tendo essa consideração como referência, entendemos que os próprios processos de constituição da Escola dizem sobre como deveriam ser formadas as normalistas, bem como qual saberes lhes seriam importantes na sua “construção” de professoras primárias. Nesse universo, as disciplinas escolares são grande indicador dessa constituição, pois já em 1990, Chervel chama atenção para esse fato ao afirmar “que uma disciplina escolar comporta não somente as práticas docentes da aula, mas também as grandes finalidades que presidiram sua constituição e o fenômeno de aculturação de massa que ela determina.” (p. 184).

Das disciplinas que compuseram a primeira turma da Escola, encontramos duas que denominaríamos de pedagógicas, que são Pedagogia e Prática. Ambas nas duas últimas séries do curso. A primeira continuou integrante do currículo até a turma que inicia seus estudos na Escola no ano de 1942. Já a disciplina de Prática, deixa de compor o currículo escolar a partir do ano de 1932.

Não localizamos indícios do que exatamente eram trabalhados em termos de conteúdo nas respectivas disciplinas. Em Tambara, encontramos a referência de que a Pedagogia teria como conteúdo “sua história, educação física, intelectual e moral, metodologia, prática de ensino” (2016, p. 22). Já sobre Prática, nada encontramos a nos indicar do que exatamente se tratava nela e quais conteúdos a compunham. Supomos, em um primeiro momento ser esta, em função do nome, uma disciplina ao qual hoje chamaríamos de Estágio. Por haver nos jornais da época notícias associando ações das alunas da Escola Complementar, com a Escola Elementar, é possível supor que tal disciplina buscasse a aproximação entre os estudos de sala de aula com a prática via ações com alunos das primeiras séries. Entretanto, como ela deixou de compor a grade curricular da Escola no ano de 1932, talvez não fosse essa a intenção ou ainda, se fosse, talvez essa incumbência viesse a ser incorporada por outra disciplina.

Inclusive, essa perspectiva de as alunas terem algum contato com turmas da escola primária de forma mais direcionada, nada explícito sobre isso encontramos, nos documentos inventariados, até o ano de 1953 (o último que conseguimos mapear nas disciplinas da grade curricular da Escola), apenas indícios dessa prática presente em uma declaração no jornal O Nacional, de 7 de abril de 1932, que embora trate sobre os métodos usados pelas escolas da

cidade para a alfabetização, enfatiza que “[...] visto que já nos permitiu, para a prática das alunas da Complementar, o seu ensino, numa das aulas do estabelecimento que dirige”. O estabelecimento em questão é a Escola Elementar de Passo Fundo⁹, dirigida então pela professora Eulina Braga.

Entendemos que tal referência, em muito se aproxima de Tambara (2016, p. 22-23), tendo o Decreto de 1912, Art. 204, como referência, ao afirmar: “No ensino de pedagogia, além das 3 horas dedicadas às lições na 3ª série, haverá uma lição prática de uma hora, feito pelo professor na escola elementar. Para essa lição irão em grupos, que não poderão exceder de 12 em cada dia de lição. [...]”, sendo que, se não exatamente as alunas desenvolviam uma atividade na Escola Elementar equivalente a Estágio, evidencia a proximidade entre as escolas em questão, bem como, já afirmado anteriormente, das notícias vinculadas no jornal da cidade, associado o nome das duas Instituições de ensino. São considerações que evidenciam uma possível relação entre a Escola Elementar e a Complementar no que tange as atividades anteriormente descritas.

Assim, nessa linha de pensamento, as disciplinas voltam ao centro de nossa atenção e, quando analisamos a composição dessas nas turmas entre os anos de 1929 e 1953, percebemos alterações curriculares praticamente a cada ano. Trazemos aqui somente os números destas, por ano, para ilustrar esta percepção.

Tabela 1 – Número de disciplinas por ano na Escola Complementar

Turma/ingresso	Total
1929	17 ¹⁰
1930	19
1931	17
1932	15
1933	13
1934	13

⁹Criada no ano de 1911 e escola mais antiga da cidade. Hoje, Escola Estadual de Ensino Médio Protásio Alves. A professora Eulina Braga que além de professora da escola também exerceu a direção do educandário e foi pessoa importante a intervir, junto à Intendência do Município, para ser trazida a Escola Complementar para Passo Fundo, já que havia a intenção de que fosse para Cruz Alta (Kneipp, 1989).

¹⁰ Há disciplinas que ocorriam nos três anos da Escola, como Português, e outras que somente no primeiro ano, no segundo, no terceiro ou em dois anos. Para esse total consideramos o nome da disciplina.

DOI: 10.20396/zet.v30i00.8667872

1935	14
1937	13
1938	12
1939	12
1941	12
1942	13
1947	15
1948	15
1949	25
1950	18
1951	17
1952	sem referências
1953	20

Fonte: Pasta: Relação de disciplinas que compuseram Escola Complementar.

As alterações em quantidades podem ser um indicativo de que a Escola, por meio da oferta dessas, a cada ano, não tinha claro o perfil profissional da futura professora, bem como, por meio do aumento e do suprimento delas, buscava se aproximar de ideias educacionais e de legislação que estariam circulando e que, de alguma forma, ao chegarem à Escola, exigiam novas alterações.

Ao tomarmos como referência os anos de 1949, 1950 e 1953, com maior número, muitas são instauradas provavelmente por influência das ideias da Escola Nova, “escolanovismo” ou também Escola Reformulada.

A Escola Nova, conforme Pereira (2010), foi um movimento que tomou grande impulso no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, e tinha a intenção de incorporar outra visão e atitude à escola, sendo que seu principal eixo era centrar a atenção na criança, pois como expressa Lourenço Filho: “A renovação educativa de nosso tempo teria, assim, de começar pela descoberta da criança” (1978, p. 37).

Peres (s.d., citado em Búrigo, Fischer e Peixoto, 2014) afirma que as ideias da Escola Nova já circulavam no Estado, mas que a partir dos anos de 1930 é que elas vão se expressar em ações “no âmbito das políticas públicas” (p. 153). Isso ganha maior notoriedade, quando

da criação, em 1935, da Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde e também, em 1939, quando da publicação do regimento e dos novos programas do ensino primário.

Tais alterações provavelmente impactaram junto à Escola Complementar, pois as professoras primárias precisariam estar integradas a esses novos tempos e como tal sua formação, via disciplinas a serem cursadas, deveria – de forma oficial – prover essas profissionais dessas condições.

Ao compararmos as disciplinas dos anos de 1949, 1950 e 1951 podemos perceber isso de forma nítida:

Tabela 3: Disciplinas da Escola Complementar dos anos de 1949, 1950 e 1951.

Disciplinas por ano					
1949 – 1º ano		1950 – 2º ano		1951 – 3º ano	
Português	Matemática	Português	Literatura	Português	Literatura
Educação Física	Desenho	Didática	Matemática	Matemática	Iniciação à Educação
Biologia	Música	Higiene	Educação Física	História e Filosofia da Educação	Fundamentos de Psicologia Geral
Psicologia	Anatomia	Estatística	Desenho	Psicologia Educacional	Sociologia Geral
Física e Química	Iniciação	Português e Literatura	Física e Química	Estatística Aplicada à Educação	Biologia Geral
Didática	Higiene	Sociologia	Música	Sociologia Educacional	Didática e Prática da Educação Primária
Sociologia	Literatura	Biologia	Anatomia	Desenho e Artes Aplicadas	Música e Canto
História e Filosofia	Puericultura	Iniciação	Psicologia	Biologia Educacional	Física e Química

	História e Filosofia	Puericultura	Higiene e Puericultura	Anatomia e Fisiologia Humana
			Educação Física, Recreação e Jogos	Higiene e Educação Sanitária

Fonte: Pasta Relação de disciplinas que compuseram Escola Complementar

Saviani (2008) entende que as grandes bases da Escola Nova estão na psicologia, na sociologia e filosofia, bem como delas vêm um olhar direcionado à escola e as novas concepções que o escolanovismo propunha. No ano de 1949, há as disciplinas de Sociologia e Psicologia, assim como Filosofia junto com História. É óbvio que somente pelo fato da oferta de tais disciplinas não é indicativo de temáticas alinhadas com as ideias da Escola Renovada. Já quando olhamos as disciplinas de 1953, elas estão lá, mais pontuais: Sociologia Geral e Sociologia Educacional; Fundamentos de Psicologia Geral e Psicologia Educacional; História e Filosofia da Educação.

São indicativos, ao menos no nome das disciplinas, de que houve – por parte da Escola Complementar – uma busca de alinhamento com o pensamento da Escola Nova, da mesma forma que outras ganham o acréscimo de “aplicadas” ou “à educação” ou “educacional”. Esse entendimento se alia a Chervel (1990), ao compreender que algumas disciplinas se constituem como aporte de conhecimentos mais gerais e outras dariam fundamentos de natureza mais direcionados a preparar o aluno para a prática dos estudos que realizou.

Assim, tomando Guarnica e Souza, ao tratarem da Escola Nova, que a entendem como uma nova ordem pedagógica – tendo como referenciais John Dewey, Willian Kilpatrick, Édouard Claparède e Ovide Decroly – e nela está “a centralidade no aluno no processo educativo e o respeito as suas características e necessidades biopsicológicas” (2012, p. 344). Compreendemos que disciplinas tais como Higiene e Puericultura, Educação Física, Recreação e Jogos, Didática e Prática da Educação Primária, Biologia Educacional, entre outras, vêm corroborar de forma mais direcionada a esse propósito do escolanovismo.

Compreendemos que a Escola foi se reelaborando, em termos de disciplinas ofertadas, no período considerado neste texto, tendo algumas mais direcionadas à constituição da professora primária enquanto profissional responsável por ensinar crianças e outras, mais amplas, que consideraríamos de cunho geral e de conteúdo. Entre estas últimas está a Matemática.

A Matemática na Escola Complementar de Passo Fundo

A Matemática sempre esteve presente na constituição das disciplinas da Escola Complementar, não necessariamente com esse nome, mas se fazendo presente pelo que Valente (2015, p.18) chama de “saberes elementares matemáticos”. Na turma que ingressa em 1929 está presente Aritmética nos três anos, Geometria e Álgebra no segundo e terceiro anos. Tal constituição se mantém para as turmas com ingresso em 1930 e 1931. Interessante observar que tal disposição é idêntica ao que propõe o Decreto n. 4.277, de 1929, para os programas do Curso Complementar. Intuímos então, que a Escola Complementar de Passo Fundo, adota esta disposição.

A disciplina de Matemática permanece no currículo da Escola até o ano de 1953 (último que conseguimos mapear), sendo que sofre alteração na disposição das séries em que será oferecida: até 1942, está presente nas três séries; já em 1947, configura disciplina do primeiro e segundo anos; em 1949, está apenas no primeiro ano, perdurando esta situação até 1953, quando então se faz presente no primeiro e terceiro anos.

Sobre essa perspectiva, localizamos um livro Ata dos Exames Finais da Escola, entre os anos de 1947 e 1949, e neles a transcrição de muitas questões desses, o que nos permitiu gerir algumas conclusões.

Os exames finais da Escola nesse período se revestiam de uma organização e uma estrutura própria para tal avaliação, como descreve a Ata n. 43, de 11 de dezembro de 1947, ao relatar:

A onze de dezembro de 1947 no Pavilhão de Educação Física deste estabelecimento o Sr. Inspetor Federal, Sra. Diretora e membros da banca examinadora, o aluno da 1ª série J. L. T, que por motivo de moléstia não compareceu a segunda chamada de Desenho de acordo com o Decreto Lei nº 8.347 de 10 de dezembro de 1945, art. 49, Parag. 4, prestou exame da referida matéria.

Observamos que os exames eram realizados na presença da banca, mesmo se não fossem de segunda chamada, pois todos têm o mesmo padrão de escrita nas atas. Frente ao aluno ou alunos era sorteado um ponto com questões, normalmente em número de três a cinco para serem resolvidas. Também se evidencia a ocorrência de exames orais, como relata a Ata n. 101, de 11 de dezembro de 1948. Diz ela:

Aos dias 1, 2, 3, 4, 6, 7, 9 e 10 de dezembro de 1948 nesta cidade de Passo Fundo, Estado de Rio Grande do Sul, com a presença do Sr. Inspetor Federal, Sr.ª Diretora e membros da Bancas Examinadoras, realizam-se os exames orais e práticos das respectivas matérias: Português, Matemática, História, Música e Desenho das turmas A e B da 1ª série cujos resultados constam do boletim que adiante se vê.

Não há registros das questões orais. As questões práticas, em função das demais atas localizadas, levam-nos a concluir serem de resolução de questões propostas pela banca.

Nas atas dos exames é identificado o nome da turma, A e B, por exemplo, a série e a disciplina do referido exame. Ao compararmos os nomes dos alunos que prestaram exames finais encontramos o de alunas que posteriormente constam como formandas no Curso Normal da Escola, evidenciando assim que eram questões aplicadas às normalistas e, provavelmente, em conformidade com o conteúdo estudado durante o ano. Entre essas questões de exames, encontramos algumas de Matemática. As localizadas assemelhavam-se em muito com as encontradas em livros didáticos da época, evidenciando um estudo de Matemática bastante acadêmico.

Essa consideração nos leva a intuir, no caso da Matemática, que para o Curso Normal não existia *uma Matemática* diferenciada em termos de conteúdos abordados. Também cremos que em se tratando de conhecimento matemático proposto à normalista em nada, ou muito pouco, direcionava-se a distinguir, ao que Bertini, Morais e Valente (2017)¹¹ definem como saberes a ensinar e saberes para ensinar. Isso porque, conforme os autores:

O primeiro deles – *os saberes a ensinar* – referem-se aos saberes produzidos pelas disciplinas universitárias, pelos diferentes campos científicos considerados importantes para a formação dos professores; o segundo, *os saberes para ensinar* têm por especificidade à docência, ligam-se àqueles saberes próprios para o exercício da profissão docente (p. 11).

No nosso caso, podemos substituir a palavra saberes por Matemática e assim teremos Matemática a ensinar e Matemática para ensinar, preservada a definição dada acima. Nas atas de exames localizadas, não encontramos nas questões nenhuma que tratasse de elementos que poderíamos vincular a Matemática para ensinar. Também nessa consideração, é interessante observar que as atas de exames práticos são predominantemente das disciplinas de Matemática, Desenho e Português. Não há exames, por exemplo, de Anatomia. Talvez isso evidencie que as alunas do Curso Normal tivessem mais dificuldades com aquelas disciplinas, por sua natureza mais objetiva e, no caso da Matemática, como mostram as questões, também por exigir procedimentos de solução envolvendo cálculos e processos de raciocínio mais estruturados e padrões, o que entendemos estar próximo de uma Matemática a ensinar.

As questões de Matemática eram compostas de tópicos de aritmética e geometria. Álgebra não consta nos exames localizados, evidenciando que as normalistas, provavelmente, não estudavam então esse conteúdo.

Esse fato nos fez perceber uma familiaridade com o Decreto n. 8.020 de 1939, que estabelece os programas mínimos a serem adotados nas escolas primárias. A familiaridade a que nos referimos consiste na proximidade dos conteúdos propostos à escola primária, em Matemática, pelo decreto, e as questões presentes nos exames das normalistas da Escola,

¹¹ Mais dados sobre esta questão podem ser encontrados em Hofstetter & Valente (2017).

indicado que provavelmente o que estudavam as futuras professoras era o mesmo ou muito próximo do que deveria ser ensinado, sendo aritmética e geometria o foco principal.

Tomemos por exemplo que o Decreto em referência determina para o terceiro ano primário a “noção de fração, como parte do inteiro” (p. 95) e a Ata de Exames n.31, do dia 03 de dezembro de 1947: *“Duas meninas fazem um trabalho; a primeira faz 1/7, depois 3/8 e por fim 1/9. Que parte do trabalho faz a segunda menina?”*

Também, o mesmo Decreto propõe que no segundo ano primário se trabalhasse a “divisão com divisor simples e dividendo até 100” (p. 85). Na Ata n. 173, de 28 de novembro de 1949, está: *“Quanto se pagaria por 10 dz se 3 dz custam Cr\$ 10,80?”*. Dessa forma, assim como as questões exemplificadas acima, seguem outras que por sua natureza se conectam com itens do programa de Matemática proposto pelo Decreto de 1939.

Com tal entendimento trazemos algumas questões que compuseram os exames da 1ª série e nos permitem intuir o que era estudado pelas alunas, pois “[...] exames e as provas escolares são documentos valiosos para estudo [...] da constituição da profissionalização de professores.” (Morais, 2018, p. 78). Incluiremos também questões de exames de Desenho, pois neles encontramos algumas questões vinculadas à geometria. A referida disciplina nos anos de 1947 e 1948 compunha o currículo do Curso Normal nos três anos; na turma que ingressa em 1949, está presente apenas no primeiro ano; posteriormente, no ano de 1950 volta a ser nos três anos, e no ano de 1953 vai ser denominada de Desenho e Artes Aplicadas.

Nos exames de 1947 a 1949, as questões que se fazem presentes se mostram como uma combinação entre proposições de natureza artística e de geometria. Podemos observar isso na Ata de Exame n. 11, de 25 de junho de 1947, em que suas questões são:

- a) *Entrelaçados.*
- b) *Traçar uma reta que seja paralela a uma reta AB.*
- c) *Friso composto de flores.*

Ou ainda na Ata de Exame n. 13, do dia 27 de junho de 1947, ao solicitar:

- a) *Faixa composta de rosáceas.*
- b) *Fundo decorativo composto de números.*
- c) *Traçar um hexágono pela regra geral – raio 3 cm.*

Em nosso entendimento, a disciplina de Desenho, tendo seus exames como referência, trabalhava junto às normalistas atividades de cunho artístico, o que hoje seria objeto principal da disciplina de Educação Artística ou Artes nas escolas e também ensinaria traçados e proposições próprios do que também hoje constituiria a disciplina de Desenho Geométrico.

Compreendemos também que talvez a função da disciplina de Desenho fosse fundamental, a partir do desenho geométrico, a possibilidade de vinculação com ramificações de natureza artística, como encontramos na Ata n. 62, de 22 de junho de 1948, nas questões *a* e *c*, ao solicitar:

Fundo decorativo, composto de triângulos e baseado na malha ortogonal e também, traçar a rosácea baseada no pentágono.

Assim, parece-nos que a disciplina de Desenho trataria mais da questão da construção dos elementos de natureza geométrica; conceitos de geometria são propostos nas questões dos exames de Matemática, como as que seguem:

Como se classificam os triângulos segundo os lados? (Ata n. 9, de 24/06/1947)

O perímetro de um retângulo tem 50 cm. A base é 2/3 da altura. Determinar as dimensões. (Ata n. 22, de 24/11/1947)

O que é linha reta? Qual o suplemento de um ângulo de 95°? (Ata 29 de 03/12/1947)

Dar o resultado em m³: 28 dam³ – 98,4cm³. (Ata n. 61 de 21/06/1948)

No que tange à Aritmética, as questões versam sobre as quatro operações básicas, transformação de unidades, operações com frações e também expressões numéricas, como ilustram as questões:

Resolver: 0,444... + 0,777... : 0,5333... (Ata n. 22, de 14/11/1947)

Resolver: 26 dias 17 horas 30 min : por 3. (Ata n. 31, de 04/12/1947)

De o resultado de: (55 + 35 + 15) : 5 – (45 – 20) : 5 (Ata n. 60, de 21/06/1948)

Escreva com algarismos romanos: 237. (Ata n. 126, de 24/06/1949)

Ao olharmos para essas e outras questões dos exames de Matemática presente nas atas supracitadas entendemos que são questões predominantemente de resoluções por meio de cálculos, mas que implicitamente se faz necessário saber o elemento conceitual por trás da questão para pôr em marcha sua resolução, pois, por exemplo, não se saberia responder o valor em graus de um suplemento de um ângulo se o conceito de suplemento não estiver compreendido. Sua resolução precisa disso.

Isso indicaria que pelas questões dos exames estaria implícito o processo de ensino às normalistas, pois ao perguntar, por exemplo, o que é linha reta, intui-se que o conceito foi dado em aula, ou seja, houve momentos de exposição de conceitos geométricos e entendemos, assim, também os de natureza aritméticos. Por associação, compreendemos que, depois de assimilado o conceito, este precisaria ser utilizado para resolver as questões propostas; efetivar-se-ia o cálculo propriamente dito, pois, se a aluna teve a definição de

dízimas periódicas como exemplificação, ela necessitaria desenvolver questões em que fosse solicitado operar com esses elementos.

Disso entendemos que as aulas provavelmente seguiam um procedimento de conceituação de conteúdo, e talvez com exemplificações; posterior resolução de exercícios na intenção da compreensão dos algoritmos dos itens estudados. Compreendemos, também, que as questões e as reflexões feitas sobre elas nos exames nos deram um panorama da engrenagem de ensino da Matemática que ocorreram em sala de aula.

Assim, não evidenciamos em nenhum momento, do período considerado neste trabalho, elementos sobre a Matemática para ensinar no Curso Normal da Escola. Acreditamos que a normalista, quando professora em sala de aula, teria forte tendência em reproduzir em sua aula, na escola primária, a dinâmica de ensino que vivenciou enquanto aluna, pondo em circulação uma ação de reprodução de práticas vivenciadas. Supondo nosso raciocínio coerente, teríamos aqui um precedente de pesquisa a mais, frente a outras ideias despertadas pela escrita deste trabalho e, com certeza, podendo desdobrar-se em possíveis outros estudos.

A título de considerações

Ao encerramos este exercício de escrita sobre a Escola Complementar de Passo Fundo, não queremos associar a palavra final a considerações, pois entendemos que ela não está finalizada, mas parcialmente concluída. Esse entendimento se dá por termos tratado de uma temática fecunda de abordagens e também por compreendermos o foco escolhido neste texto. Se escolhida por outros autores, poderiam primar por outro olhar, destacar outras perspectivas ou mesmo entender, frente as mesmas fontes, outros vieses de análise.

Propomo-nos a narrar a trajetória da Escola Complementar de Passo Fundo no período compreendido entre 1929 e os anos da década de 1960, sendo a intenção descrever como intuímos a circulação de diferentes ideias culturais, sociais e educacionais que pontuaram a formação da identidade da professora primária da referida Escola.

Entendemos, mesmo tratando de uma instituição que existe até os dias de hoje em Passo Fundo, que ela não se constitui como espaço formador de professoras primárias por si só. Foram necessárias a ação dos professores e dos alunos, numa comunhão de elementos advindos do ambiente cultural, social e educacional que protagonizaram diferentes entendimentos de tal monta a influenciar a constituição da identidade da professora primária que a Escola formou durante muitos anos.

Em um primeiro momento, considerando as disciplinas que compuseram a grade curricular da Escola Complementar, temos a vinculação quase como decorrência natural da professora primária como mãe e ter seus alunos como filhos e, para tanto, a mesma dedicação dada aos naturais espera-se para os da escola, em que sobre ela caberia formar pessoas de boa índole e levá-los a serem cidadãos conscientes de suas funções sociais.

Já mais adiante, com a chegada das ideias da Escola Nova até a Escola Complementar, embora não encontramos evidências mais explícitas dessa perspectiva por escassez de fontes, entendemos pela dinâmica de acréscimos e retiradas de disciplinas, e também por meio dos nomes delas, ao longo do curso de formação de professoras, essa tendência e esse alinhamento ao ideário “escolanovista”, principalmente a partir do ano de 1953, sendo possível intuir que em função disso, o centro do processo educacional passar da professora para o aluno.

Nesse tempo em que diferentes concepções do que deveria ser a professora primária e quais conteúdos deveriam constituir sua formação, está a disciplina de Matemática. Presente desde o início da criação da Escola, com maior ou menor presença nos currículos, mas sempre constituindo a formação dessa professora para o exercício da docência na escola primária. Constituição essa, frente às fontes localizadas e base desse trabalho, que não nos indicaram uma maior preocupação na Matemática para ensinar, mas se pautando, pelo que indicam principalmente as questões das provas finais, por uma predominância da Matemática a ensinar.

Temos ciência de que as conclusões neste trabalho podem, frente à localização de mais materiais que tratem da Escola Complementar, mudar considerações aqui apresentadas ou ainda confirmar com mais veemência o que intuímos frente ao material até agora disponível. Essa perspectiva nos anima a continuar nosso trabalho de pesquisa pelo viés da história dessa Instituição, pois, além das prerrogativas tratadas neste material, outros elementos a serem pesquisados podem emergir.

Um dos elementos a serem fecundos para outras tratativas seria a presença da disciplina de Desenho ao longo de todo o período da Escola trazida neste trabalho. Quais elementos constituíram a disciplina? Por que ela era considerada importante para compor o currículo da professora primária? Como, na disciplina, percebeu-se a influência da Escola Nova? Como eram as aulas? Que materiais eram utilizados? Sempre a disciplina de Desenho tratou de elementos geométricos e artísticos, deixando os fundamentos conceituais da geometria para a disciplina de Matemática? Várias perguntas a nos instigar a pesquisar.

Outra exemplificação seria entender como a Matemática Moderna se fez presente na disciplina de Matemática da Escola e como esta foi apropriada pelas normalistas. Sabemos que o ideário da Matemática Moderna se intensificou mais a partir dos anos de 1960 e 1970 junto às escolas, assim seria necessário deslocar o eixo de nossas buscas para esse período, sendo que fontes, inclusive orais, poderiam ser buscadas na intenção que mapear maiores elementos para uma análise.

Ao encerrarmos este texto, a certeza de que ele não se esgota aqui, mas abre precedente de instigar a continuidade de estudos sobre essa Escola e suas muitas faces possíveis de serem pesquisadas.

Referências

- Bertini, L. F., Morais, R. S. & Valente, W. R. A. (2017). *Matemática a ensinar e a Matemática para ensinar: novos estudos sobre a formação de professores*. São Paulo: Editora da Física.
- Búrigo, E. Z., Fischer, M. C. B & Peixoto, F. A. B. (2014). Saberes matemáticos na escola primária do Rio Grande do Sul: permanências e mudanças nas prescrições dos ensinamentos. In D. A. Costa & W. R. Valente (Org.), *Saberes matemáticos: o que, como e por que ensinar?* (pp. 149-168). São Paulo: Editora da Física.
- Camargo, M. L. W. (2005). *Aspectos da trajetória das escolas normais na cidade de Passo Fundo*. Dissertação de Mestrado em Educação. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo.
- Chervel, A. (1990). História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Revista Teoria e Educação*, 2, 177-229.
- Cimpa, A. (1987). *A estória do Severino e a estória da Severina: um ensaio de Psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.
- Faria Filho, L. M. (2007). Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In M. L. A. Bencostta (Org.), *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: Itinerários históricos*. (pp. 193-211). São Paulo: Cortez.
- Gouvêa, M. C. S. (2002). A construção de um projeto de formação de professores – As escolas normais mineiras no período imperial. In A. A. B. Lopes et al., *História da educação em Minas Gerais*, Belo Horizonte: FCH/FUMEC.
- Hofstetter, R. & Valente, W. R. (2017). *Saberes em (trans)formação: tema central da formação de professores (Coleção Contextos da Ciência)*. São Paulo: Editora Livraria da Física.
- Guarnica, A.V.M., & Souza, L. A. (2012). *Elementos de história da Educação Matemática*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Kneipp, C. B. (1989). *História da Escola Complementar de Passo Fundo*. Texto digitado, s.p.
- Lourenço Filho, M. B. (2001). A formação do professor primário. In M. B. Lourenço Filho (Org.), *A formação de professores: da Escola Normal à Escola de Educação*. (pp. 29-38). Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.
- Lourenço Filho, M. B. (1978). *Introdução ao estudo da escola nova: base, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea*. São Paulo: Melhoramentos.
- Louro, G. L. Mulheres na sala de aula. (2007). In M. L. A. Bencostta (Org.), *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: Itinerários históricos*. (pp. 443-481). São Paulo: Cortez.

- Morais, R. S. Provas, exames e a Matemática da formação de professores. (2018). In E. Z. Búrigo, J. I. Lima, M. C. A. Oliveira & W. R. Valente (Org.), *Provas, exames e história da Educação Matemática*. (pp. 77-138). Boa Vista: Editora da UFRR.
- O Nacional. (16 de março de 1929). *Collegio Complementar*. Passo Fundo, p. 1.
- O Nacional. (7 de abril de 1932). *Assuntos de educação*. Passo Fundo, p. 2.
- Rheinheimer, J. M. *Ensinar e aprender Matemática, ressonâncias da Escola Nova: um olhar sobre a formação de professores no Instituto de Educação General Flores da Cunha (1940 -1955)*. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/179446>. Acesso em 20 de out. de 2021.
- Rodrigues, M. H. R. de. (03 de abril de 1932). As novas professoras. *Jornal O Nacional*, p. 2.
- Saviani, D. (2008). *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Tambara, E. A. C. (2016). Cartografia da gênese e consolidação do modelo republicano-castilhistas de educação primária no Rio Grande do Sul: o papel do “intelectual operador” Manuel Pacheco Prates (1894 – 1911). In L. S. S. Grazziotin & D. B. Almeida (Org.), *Colégios Elementares e Grupos Escolares no Rio Grande do Sul: Memórias e cultura escola - Séculos XIX e XX*. (pp. 12-29). São Leopoldo: Oikos.
- Tambara, E. A. C. (1998). *Profissionalização, escola normal e feminização: magistério sul-rio-grandense de instrução pública no século XIX*. Pelotas: História da Educação/ASPHE.
- Valente, W. R. (2015). Elementar. In W. R. Valente (Org.), *Cadernos de trabalho*, v. 1. São Paulo: Editora da Física.
- Werle, F. O. C. (2005). Práticas de gestão e feminização do magistério. *Cadernos de Pesquisa*, 35 (126), 609-634.